

Notas sobre a Constituição da Análise do Discurso: um gesto de leitura

Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes *

Prof. José Antônio Alves Júnior **

Resumo: Este artigo destina-se a explicitar o entrecruzamento de diferentes campos disciplinares que desencadeou a constituição da Análise do Discurso como uma disciplina integrante dos estudos linguísticos. Nossos apontamentos serão ancorados em análises de textos que circularam em sítios da internet sobre o mais longo seqüestro da história de São Paulo, ocorrido em 2008.

Palavras-chave: Análise do Discurso, Linguística, sujeito, memória.

Desde as primeiras proposições da Análise do Discurso preconizada por Michel Pêcheux, vimos assistindo a embates teóricos acerca do atravessamento da Linguística por diferentes campos do saber para a constituição dessa disciplina. Em reflexões sobre essa questão, o próprio Pêcheux (1997, p. 88) assim expressa: “se a Linguística é solicitada a respeito destes ou daqueles pontos exteriores a seu domínio, é porque, no próprio interior de seu domínio (em sua prática específica), ela encontra, de certo modo, essas questões sob a forma de questões que lhe dizem respeito”.

Esse atravessamento, que não se limita à constituição da Análise do Discurso, faz com que os pesquisadores não aceitem, unanimemente, a existência de um único método de investigação para todos os ramos da Linguística, e possibilita a existência, em seus domínios, de subáreas como a Psicolinguística, a Geolinguística, a Sociolinguística, entre tantas outras. Cada ramificação interna à Linguística postula, a partir de um construto teórico próprio, os objetivos a serem perseguidos na investigação dos dados. O construto teórico e os objetivos, por sua vez, impõem a necessidade de métodos específicos. A partir dessa observação, poder-se-ia discorrer sobre o caráter de cientificidade da Linguística, mostrando, inclusive, que não há homogeneidade, haja vista a diversidade de métodos próprios a

cada disciplina em seu campo. Entretanto, no escopo dessas questões, interessa-nos focalizar a constituição da Análise do Discurso a partir de um atravessamento, ou melhor, um entrecruzamento teórico, conforme será mostrado pela recorrência a um objeto tomado para análise.

Os estudos em Análise do Discurso de origem francesa, difundidos no Brasil a partir dos anos 1980, estabeleceram um embate teórico com a lingüística formalista em decorrência da (re)definição de seu objeto. Isto, porque a Análise do Discurso envolve, necessariamente, o sujeito e a história. A definição do objeto respalda-se nas reflexões acerca do *Materialismo Histórico*, a partir de Althusser (1996), para, então, focalizar a presença de uma exterioridade que atravessa a Lingüística resultando na constituição da Análise do Discurso como uma de suas ramificações, pois é no interior de problemas colocados pela linguagem que essa exterioridade tem eco. Isto posto, necessitamos, de fato, romper os limites discursivos próprios a uma disciplina, como adverte Foucault (2000), e recorrermos a outros domínios que atravessam o campo disciplinar no qual nos inscrevemos.

Os estudos em Análise do Discurso fazem com que recorramos a aparatos teóricos *fora* da Lingüística e tragamo-los para seu interior. Noutros termos, tratamos de problemas de linguagem humana, objeto de investigação científica próprio da Lingüística, que impõem uma revisão teórica para que sua interpretação seja alcançada.

Especificamente para este momento, focalizaremos as noções de sujeito, enunciado e memória discursiva, conceitos decorrentes do funcionamento da língua atravessada pela história no campo da Análise do Discurso. Visando a pontuar problemas de linguagem próprios ao interior da Análise do Discurso preconizada por Pêcheux, tomaremos para análise, enunciados publicados em sites pela internet, no dia 30/10/2008, sobre o caso de seqüestro envolvendo Eloá e Lindenberg, na cidade de Santo André/SP. Os enunciados recortados para análise se inter-relacionam com outros e constituem uma materialidade lingüística, cuja natureza e problemáticas daí decorrentes implicam uma busca teórica que nos permitirá explicitar a constituição do campo teórico da Análise do Discurso na Lingüística.

A Natureza do objeto e sua relação com a teoria

O discurso, objeto em questão, tem existência na exterioridade do lingüístico, no social, é marcado sócio-histórico-ideologicamente. Na exterioridade do lingüístico, no social, há posições divergentes pela coexistência de diferentes discursos, isto implica diferen-

ças quanto à inscrição ideológica dos sujeitos e grupos sociais em uma mesma sociedade, daí os conflitos, as contradições, pois o sujeito, ao mostrar-se, inscreve-se em um espaço socioideológico e não em outros, enuncia a partir dessa inscrição; de sua voz, emanam discursos, cujas existências encontram-se na exterioridade dos elementos lingüísticos enunciados.

Embasado por esse viés teórico, o *corpus* para análise apresenta-se como um universo discursivo marcado por instabilidade, que explicita as movências e a inquietude dos sujeitos. Nessa perspectiva teórico-metodológica, a noção de enunciado proposta por Foucault apresenta-se profícua à Análise do Discurso. Em Foucault (1995), destacamos que o enunciado se distingue de frase, proposição, ato de fala, porque: a) está no plano do discurso; b) não está submetido a uma estrutura lingüística canônica (não se encontra o enunciado encontrando-se os constituintes da frase); c) não se trata do ato material (falar e/ou escrever), nem da intenção do indivíduo que o realiza, nem do resultado alcançado: “trata-se da operação efetuada [...] pelo que se produziu pelo próprio fato de ter sido enunciado” (FOUCAULT, 1995, p. 94). A língua e o enunciado não estão no mesmo nível de exigência. Em síntese, as características da função enunciativa corroboram a “interrogar a linguagem, não na direção a que ela remete, mas na dimensão que a produz” (FOUCAULT, 1995, p. 129). A análise proposta volta-se para a descrição dos enunciados visando a “definir as condições nas quais se realizou o enunciado, e o fazem aparecer como um jogo de posições do sujeito, elemento em um campo de coexistência, materialidade repetível” (GREGOLIN, 2004, p. 32).

Para a análise e interpretação, em decorrência da natureza do objeto, precisamos sair da materialidade lingüística para compreendê-la em sua exterioridade, no social, espaço em que o lingüístico, o histórico e o ideológico coexistem em uma relação de implicância, compreendidos como discursos (exterioridade à langue e à parole). Eis a instauração de um campo de conflitos, marcado por oposições ideológicas, no qual diferenças sociais coexistem, entretanto, tratamos de problemas encontrados na linguagem em funcionamento, que apontam a constituição de uma subárea da Linguística, concomitante com tantas outras, das quais se diferencia pelo viés teórico-metodológico que orienta a maneira de focalizar o objeto. Logo, os enunciados apreendidos nessa materialidade explicitam que o discurso constitui-se da dispersão de acontecimentos e discursos outros, historicamente marcados, que se transformam e modificam-se. Uma formação discursiva dada apresenta elementos vindos de outras formações discursivas que, por vezes, contradizem, refutam-na.

Esses aspectos possibilitam a compreensão do surgimento de novos cenários social-

mente organizados e/ou em organização, tendo em vista a transitoriedade característica dos sujeitos e da História, sempre passando por transformações sociais. As transformações sofridas nas condições sociais manifestam-se nas produções discursivas, marcadas pelo entrecruzamento de discursos e acontecimentos anteriores. Acentua-se, dessa maneira, a fragmentação dos sujeitos, a heterogeneidade constitutiva dos discursos, cuja definição resulta do entrecruzamento de diferentes posições socioideológicas, historicamente produzidas, nas quais os sujeitos têm e/ou tiveram existência. As (trans)formações sócio-históricas corroboram as condições de produção do discurso e refletem diferentes formações ideológicas na constituição do(s) sujeito(s) e do(s) discurso(s).

Enunciado, Sujeito e Memória

Para a elucidação das reflexões propostas, conforme afirmamos, procederemos à análise de fragmentos sobre o caso de seqüestro, envolvendo Eloá e Lindenberg, na cidade de Santo André/SP em 2008, retirados de páginas na internet em 30/10/2008. O caso refere-se ao mais longo seqüestro da história de São Paulo, em que as adolescentes Eloá Cristina Pimentel e a amiga Nayara Silva, ambas de 15 anos de idade, ficaram sob a mira de um seqüestrador armado, Lindemberg Alves, de 22 anos, ex-namorado de Eloá, que invadiu o apartamento da família da vítima Eloá. Com mais de 100 horas de duração, o seqüestro, motivado por ciúmes, teve um desfecho trágico que resultou na morte da jovem Eloá Cristina Pimentel. Nos fragmentos a seguir, destacaremos enunciados que remetem a diferentes acontecimentos discursivos e/ou a questões que fogem ao acontecimento do seqüestro de Eloá, mas que vieram a ter lugar nesse momento da história a partir do acontecimento do seqüestro.

a) Existe uma clara confusão ideológica quando se trata desse assunto. Fato que se constata no início do seu texto, quando você cita a frase “bandido bom é bandido morto” ... Essa é uma frase típica da direita (dos que são propositalmente de direita, e dos que são sem nem saber o que é direita). Porém, neste caso, a morte do rapaz era uma alternativa, sim, independente de posicionamento ideológico.

<http://www.digestivocultural.com/comentarios/default.asp?codigo=17983>

(Consulta em 30/10/2008).

b) A vítima, Eloá, é filha de um homem procurado por haver matado o Secretário de Segurança de Alagoas. [...] O pai da menina Eloá, assassinada por Lindenberg em Santo André, seria um criminoso procurado no Nordeste após matar o irmão do governador do Estado de Alagoas. [...] O pai de Eloá [...] Everaldo Pereira do Santos [...] Utiliza nome falso [...] Acusado de pertencer a um grupo denominado “Gangue da Farda” [...] Everaldo era conhecido como “Amarelo” e sua tropa bandida se encarregava de achacar, matar, roubar e amedrontar usando farda e armamento do poder constituído.

<http://taxiimmovimento.blogspot.com/2008/10/elo-e-lindenberg-eduardo-e-mnica.html>

(Consulta em 30/10/2008).

O primeiro fragmento traz enunciados como “confusão ideológica” e “direita” que remetem a outros discursos e/ou acontecimentos que tiveram/têm existência em outras épocas e lugares. “Confusão ideológica” e “direita” são enunciados sócio-historicamente produzidos e, dispersos na história, podem se referir, por exemplo, a lugares político-ideológicos de posicionamento de sujeitos no interior de partidos políticos. Diversos são os partidos políticos que assumem uma conduta de natureza definida como direita e outros como esquerda, eles constituem lugares de embates e enfrentamentos políticos em defesa de ideais em prol da nação. No fragmento em análise, “direita” foge especificamente ao caso de seqüestro da jovem Eloá, e coloca em questão um posicionamento que pode ou não ser político partidário sobre o direito de se tirar ou não a vida de um ser humano em situações como as de seqüestros. “Direita” remete-nos, dentre outros, a um momento específico da história política do Brasil, em que os governantes da chamada linha política da “direita” usavam diferentes métodos, inclusive tirar a vida e a tortura, contra pessoas que se rebelavam contra o governo. Referimo-nos ao Regime Militar instaurado no Brasil a partir dos anos de 1960. Contudo, admitir ou praticar atos contra a vida de pessoas inimigas, não é exclusividade de regimes políticos ditatoriais ou de pessoas que se consideram da “direita”. Em diferentes lugares e momentos presenciamos também enunciações como a do fragmento: “bandido bom é bandido morto”. Este enunciado nos deixa claro que não é preciso ter um posicionamento político de direita para se admitir que em alguns casos a morte do oponente é o melhor remédio.

“Direita”, como enunciado, aciona uma memória discursiva na medida em que discursos e/ou acontecimentos outros, de diferentes momentos históricos (re)aparecem, mas os sentidos provocados são sempre outros. O emprego de “direita”, para se referir ao seqüestro, foge a um posicionamento político e, dada a sua historicidade que possibilitou/

provocou seu (re)aparecimento, esse enunciado, acionado por uma memória discursiva que o coloca em funcionamento, já é outro. Tirar a vida de Lindenberg para salvar Eloá foi considerado por muitos como uma possibilidade, uma vez que Eloá é vítima no seqüestro, enquanto Lindenberg é o vilão. Daí o enunciado produzido “bandido bom é bandido morto”. “Direita” é, assim, um enunciado que evidencia acontecimentos dispersos na história.

Foucault (1995) discute a ligação entre acontecimentos díspares (que, em princípio, não teria/tem nada a ver um com o outro). Nesse sentido, “direita” refere-se a um posicionamento político, que (re)aparece numa situação de crise passional. Pensar esses acontecimentos em nossa perspectiva teórica implica apreendê-los como discursivamente produzidos, uma vez que não se trata de acontecimentos factuais, mas sim de dizeres de um dado lugar e momento da história. Diante disso, podemos interrogar: que ligação há entre eles? Como estabelecer entre acontecimentos díspares – “direita” e o “seqüestro” –, já pensando o discurso como acontecimento sócio-historicamente produzido, uma seqüência necessária?. Para tanto, tomemos a noção de regularidade, definida por Foucault (1995, p. 43) como “uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações” concernentes a tipos de enunciados, objetos e conceitos que integram dada formação discursiva. Esta noção implica uma exterioridade à materialidade lingüística do enunciado, além de possibilitar a realização do discurso.

O segundo fragmento traz à tona enunciados possibilitados historicamente pela tragédia do seqüestro em Santo André/SP. Eloá foi vítima da ação de um criminoso, que, após o desfecho da situação, foi preso pela Polícia. Apesar do trágico final do seqüestro, o aparelho policial fez o que se espera do Estado em situações de crise como essa: isolar e conter o fluxo de curiosos e da imprensa no local da prática do crime, negociar e, depois de esgotadas as possibilidades de resolução pacífica da situação, promover o assalto do local do crime para romper a agressão do meliante. As ações policiais são, em princípio, voltadas para a promoção da paz social e manutenção da ordem pública instituída pelo Estado. Entretanto, o seqüestro envolvendo Eloá teve forte repercussão na mídia nacional, que, em pouco tempo, conseguiu fazer um histórico da vida da garota seqüestrada e assassinada. Dentre algumas das informações noticiadas pela imprensa, uma das que mais causaram impacto foi a de que o pai de Eloá, Everaldo Pereira do Santos, era um criminoso procurado pela justiça do Estado de Alagoas, por ter assassinado o secretário de segurança do Estado. Segundo o noticiário, Everaldo, policial militar, pertencia a um grupo denominado “Gangue da Farda”, no qual era conhecido como “Amarelo”. Sua milícia praticava diversos crimes contra a vida e o patrimônio, usando farda e armamento do poder público

constituído. O aparecimento desse caso coloca em questão o uso que alguns encarregados de aplicar a lei fazem do poder que lhe é delegado pelo Estado.

Tomado como acontecimento discursivo, o caso envolvendo o pai de Eloá mostra-nos a heterogeneidade do discurso, que faz brotar de seu interior discursos-outros. O discurso não é um objeto fechado, mas inter-relaciona com diferentes discursos que surgem de uma rede de memória. Essa rede de memória (re)atualiza enunciados que se projetam do passado para o presente e o futuro, e, dessa forma, mudam-se os sentidos e os sujeitos. Retoma-se, assim, o passado apagado que ganha vida no presente. No entanto, a retomada de enunciados sobre o crime de Everaldo, como o enunciado “A vítima, Eloá, é filha de um homem procurado por haver matado o Secretário de Segurança de Alagoas”, não implica repetição do passado, é um outro dizer. Usa-se do já-dito como um jamais-dito (FOUCAULT, 1995), pois os sujeitos e a história são outros, e a memória é condição de produção e funcionamento do discurso. A retomada do caso ou dos dizeres envolvendo o pai de Eloá não é a repetição do suposto crime cometido por ele, nem mesmo se trata do sujeito empírico, Everaldo, mas do efeito de sentido e do sujeito criminoso sócio-historicamente produzido pelos enunciados que envolvem o caso, materializados na base lingüística dos meios de comunicação que noticiaram o seqüestro de Eloá.

A inter-relação discurso – história – memória, mediada pelos enunciados que (re)apareceram com o seqüestro de Eloá implica a retomada de outros sujeitos: um deles, o sujeito investido do poder de polícia do Estado, mas que usa esse poder em benefício próprio. No entanto, não se trata da retomada de um sujeito empírico, mas sim da retomada de uma historicidade referente a um caso de assassinato envolvendo uma autoridade política do Estado de Alagoas. Ao depararmos com a oração “O pai de Eloá [...] acusado de pertencer a um grupo denominado “Gangue da Farda” [...] e sua troupe bandida se encarregava de achacar, matar, roubar e amedrontar usando farda e armamento do poder constituído”, considerada como um enunciado, se nos perguntarmos por que ela é possível nesse momento de tristeza para a família de Eloá, vemos que tal possibilidade decorre de um lugar que já ocupou na história. O lugar então ocupado na história se deu de maneira que possibilita o sujeito enunciatador, no presente, retomá-lo. Tal retomada, além de mostrar que o discurso implica uma memória em funcionamento, aponta para uma posição-sujeito. Referimo-nos ao sujeito social-coletivo enunciatador que se opõe aos sujeitos investidos de poder pelo Estado e que o utiliza para atender interesses próprios.

A memória, enquanto condição de produção e funcionamento do discurso aparece nos fragmentos pelo acionamento do aspecto verbal. Os enunciados tomados em momentos diferentes apresentam sentidos diferentes. Os sentidos e os sujeitos inscrevem-se na

história, o que nos possibilita visualizar seus posicionamentos. O objeto em análise envolve o sujeito e a história, aspecto assinalado por Mazière (2005), para quem todo exercício de análise deve considerar, nas produções discursivas, o enunciado como um conjunto semântico singular, que se configura em *corpus* construído, sempre heterogêneo, segundo um saber lingüístico, histórico, político e filosófico.

Os aspectos com os quais nos deparamos ao empreendermos a análise do discurso tornam oportuna a seguinte observação de Pêcheux (1999a, p. 11): “a estruturação do discursivo vai constituir a materialidade de certa memória social”. E nos lembra também a seguinte afirmação de Foucault (2000, p. 26): “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”. Assim, o discurso é atravessado por uma memória social manifesta pelo retorno de acontecimentos e enunciados passados sob novas condições sócio-histórico-ideológicas.

Como argumenta Foucault (1995), todo discurso resulta de um *já-dito* e esse *já-dito* é sempre um *jamais dito*. Os sentidos nunca são imanentes, são produzidos na enunciação, e os enunciados são historicamente ressemantizados. “A memória refere-se a um conjunto complexo e preexistente ao organismo, constituindo um corpo sócio-histórico de traços”, acrescenta Pêcheux (1990).

Considerações Finais

A literatura destinada à explicitação do contexto epistemológico da Análise do Discurso – tais como Pêcheux (1999b), Maingueneau (1990), Maldidier (1994), Orlandi (1994), Courtine (1999), Gregolin (2003), Mazière (2005), Fernandes (2007) – revela o entrecruzamento de campos disciplinares historicamente marcados. Aqui, enfatizamos como esse entrecruzamento é conclamado pela interioridade da linguagem, revelando a constituição de um lugar teórico na Lingüística. Referimo-nos a uma formulação teórica que engloba, de maneira indissociável, sujeito, história, ideologia e discurso. Noutras palavras, a interdisciplinaridade constitutiva da Análise do Discurso deve-se a problemas encontrados no seio da linguagem, quer seja verbal ou não. Trata-se, por um lado, de questões de 4 linguagem que não encontram em outros campos da Lingüística possibilidades de interpretação, cujas explicações remetem-nos às teorias do materialismo histórico, compreendidas como teorias da formação e transformação histórico-social; e por outro, de uma possibilidade de leitura e interpretação de toda e qualquer materialidade lingüística, tendo em vista a natureza essencialmente ideológica do signo, que nega a imanência do significado. Assim,

ao lado das noções de língua, linguagem e fala, acrescenta-se a noção de discurso, como um objeto específico, cuja natureza constitutiva traz em si contradições que funcionam como regularidade, como coerência, como estrutura argumentativa, aspectos que rompem a perspectiva da análise textual e/ou comunicacional. Discurso, desprovido de um cuidado teórico, é considerado por vezes como equivalente a texto, outras vezes a fala, etc. Observe-se a esse respeito que a constituição de cada disciplina e os atravessamentos constitutivos das ramificações da Linguística têm implicações no tratamento do objeto.

Isto posto, “a AD encontra seu domínio entre singularidades suscetíveis de serem descritas na língua e regularidades que remetem às formas que se repetem espalhadas nas enunciações singulares” (Gadet; Marandin, 1984, p. 24)¹. E “a análise coloca em evidência – onde se estruturam as interpretações – lugares, sujeitos, objetos intermediários entre a experiência da realidade e os argumentos sobre essa realidade” (Conein; Guilhaumou; Maldidier, 1984, p. 27)². Dizemos com essas referências que a Análise do Discurso implica operações de leitura e interpretação que envolvem campos e problemáticas dos domínios sócio-históricos, entretanto, trata-se de campos e problemáticas encontrados nos domínios da Linguística. Enfatizamos ainda que o objeto da Análise do Discurso encontra-se constantemente em movimento, não é estático, e, não o sendo, implica movências de sentidos.

As referências fundadoras da Análise do Discurso são precisadas por Gregolin (2003), a quem recorremos para rerepresentar alguns elementos conclusivos deste texto. A saber: a) o atravessamento da Linguística pelo Marxismo, próprio à explicitação do objeto da Análise do Discurso – o discurso –, que resulta da articulação entre o lingüístico e o histórico; b) uma constante problematização das bases epistemológicas da Análise do Discurso, até mesmo pela pluralidade e especificidades dos objetos; c) o discurso como objeto de estudo apresenta-se também como um lugar de enfrentamento teórico; d) a Análise do Discurso implica apreender a língua, o sujeito e a história, em funcionamento, uma vez que a própria teoria do discurso revela uma determinação histórica dos processos semânticos, e, com isso, uma dispersão dos sentidos.

Consoante com a autora em questão, tem-se a constituição de um campo disciplinar na Linguística, cuja história *pode ser visualizada a partir dos anos 1960*, voltado para as condições de produção do dizer. Desta feita, a *episteme* da Análise do Discurso origina-se, prioritariamente, do entrecruzamento de três áreas do conhecimento científico: o *materialismo histórico*, que implica a teoria das formações sociais e suas transformações, conforme discutimos, a lingüística, e a teoria do discurso. Como atesta, ainda, Gregolin (2003), esses campos disciplinares articulados para a constituição teórica da Análise do Discurso são atravessados por uma teoria subjetiva de ordem psicanalítica, que traz o inconsciente para o

interior de suas reflexões.

As reflexões por nós arroladas, mesmo considerando-as como inconclusas, não trazem apenas hipóteses ligadas à Análise do Discurso enquanto prática. Isto equivale a dizer que, nessa perspectiva de estudos, toda e qualquer seqüência deve ser interpretada fora de uma esfera individual do sujeito psicológico e, ao extrapolar os aspectos formais do enunciado, deve-se considerar suas condições de produção em referência a um *corpo interdiscursivo de traços sócio-históricos* que revela a presença do discurso *outro* como condição de sua constituição e de seu funcionamento. E, ainda, haverá sempre e constantemente uma volta ao nível teórico-metodológico na constituição e interpretação do *corpus*.

Referências bibliográficas

- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado (Notas para uma investigação). In: •I•EK, Slavoj (org.). *Um Mapa da Ideologia*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 105-142.
- CONEIN, Bernard; GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. *L'Analyse de Discours comme contexte epistémologique*. RCP – ADELA – CNRS, Mots, N° 9, 1984. p. 25-30.
- COURTINE, Jean-Jacques. *O Discurso Inatingível: Marxismo e Linguística (1965-1985)*. Cadernos de Tradução, Porto Alegre, N° 6, abr./jun. 1999. p. 5-18.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso reflexões introdutórias*. 2 ed. São Carlos: Claraluz, 2007b.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. A Constituição da Análise do Discurso na Linguística. In: FIGUEIREDO, Célia Assunção et. al. (orgs.). *Língua(gem): Reflexões e Perspectivas*. Uberlândia: EDUFU, 2003. p. 33-46. (Coleção Linguística in Focus).
- 6 FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Layola, 2000.

GADET, Françoise; MARANDIN, Jean-Marie. **La Linguistique comme contexte de l'Analyse de Discours?**. RCP – ADELA – CNRS, Mots, N° 9, 1984. p. 19-24.

GREGOLIN, Maria do Rosário. O Enunciado e o Arquivo: Foucault (entre)vistas. In: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO-BARBOSA, Pedro (Orgs.). **Michel Foucault e os domínios da linguagem** Discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 23-44.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do Discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, Cleudemar Alves; SANTOS, João Bôsko Cabral dos. **Teorias Lingüísticas: Problemas Contemporâneas**. Uberlândia: EDUFU, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise do Discurso: A Questão dos Fundamentos. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, (19), Campinas, jul./dez., 1990. p. 65-74.

MALDIDIER, Denise. Elementos para uma história da Análise do Discurso na França. In: MAZIÈRE, Francine. **L'Analyse du Discours**. Paris: Presses Universitaires de France, 2005.

ORLANDI, Eni. **Gestos de Leitura**. Campinas: EDUNICAMP, 1994.

PÊCHEUX, Michel. Lecture et mémoire: projet de recherche. In: MALDIDIER, Denise. **L'Inquiétude du Discours** – textes de Michel Pêcheux. Paris: Éditions des Cendres, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso - Uma Crítica à Afirmação do Óbvio**. Campinas: EDUNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Sobre a (Des-)construção das teorias lingüísticas. In: **Línguas e Instrumentos Lingüísticos**. Campinas: Pontes, 1998.

PÊCHEUX, Michel. O Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre et al. **O Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999a.

PÊCHEUX, Michel. Sobre os Contextos Epistemológicos da Análise do Discurso. In: **Escritos**, N° 4, Campinas: NUDECRI, 1999b. p. 7-16.

¹C. f. tradução nossa do original em francês: “L’AD trouve son domaine entre des singularités susceptibles d’être décrites en langue et des regularités qui renvoient aux formes qui se répètent éparpillées dans les énonciations singulières”.

²C. f. tradução nossa do original em francês: “L’analyse met en évidence – là où se structurent les

interprétations – des lieux, des sujets, des objets intermédiaires entre l'expérience de la réalité et les arguments sur cette réalité”.

*** Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes**

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

Currículo - <http://lattes.cnpq.br/8303904972387971>

Endereço Eletrônico: cleudemar@uol.com.br

**** Prof. José Antônio Alves Júnior**

UFU – Universidade Federal de Uberlândia

Currículo - <http://lattes.cnpq.br/3785538877919009>

Endereço Eletrônico: alves-jr@hotmail.com

Abstract: This article has an aim to clear the intercrossing of different subjective fields which became the Speech Analysis constitution as a component subject of the linguistic studies. Our marks will be based upon textual analysis which circulated in spaces of internet about the longest kidnapping of São Paulo history, occurred in 2008.

Key-words: Speech Analysis, Linguistics, subject, memory
